

A RODA DE CONVERSA COMO UM DOS INSTRUMENTOS DE ATUAÇÃO DO (A) PSICÓLOGO (A) ESCOLAR, A PROMOÇÃO DE VALORES E A INCLUSÃO SOCIAL

Daniela Pereira Batista de Paulo Santos¹ E-mail: daniela_psicologia@hotmail.com

Universidade Estadual da Paraíba

Unipê- Centro Universitário de João Pessoa

Orientadora/supervisora Prof. Ms. Joana Darc Pereira de Sousa.

Universidade Estadual da Paraíba- UEPB E-mail: joannapsousa@gmail.com

Resumo: A roda de conversa como instrumento metodológico pressupõe igualdade, acolhimento e envolvimento e por isso, serve como dispositivo de trabalho para o psicólogo escolar, que deve pautar sua atuação dentre outras práticas em uma escuta ativa, crítica e reflexiva a todos os envolvidos no processo educativo. O objetivo do artigo é relatar uma intervenção realizada durante o período de estágio em uma turma de quarto ano de uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Campina Grande. Participaram da intervenção onze crianças com idades entre nove e dez anos e duas agentes escolares da referida escola. A turma era considerada por todos da escola como a “pior” e a principal queixa era agressividade, violência, indisciplina e rebeldia. Depois de realizadas observações em sala de aula foi proposta uma intervenção com uma roda de conversa com o objetivo de conhecer melhor a vida social, familiar e relacional dessas crianças. Além disto, pretendeu-se promover um espaço para promoção de valores, inclusão social e cultura de paz. A roda de conversa teve como eixo orientador algumas estórias contadas pelas crianças através de figuras e personagens escolhidas por elas próprias. As estórias contadas foram refletidas junto com a estagiária. Foram relatadas nesse artigo apenas três das onze. As estórias remetiam a valores como amizade e laços familiares, além de relações interpessoais, má influência e a prática de bullying. A intervenção evidenciou a falta de carinho, afeto, respeito e cuidado que aquelas crianças vivenciavam.

Palavras-chave: Roda de conversa, Psicólogo escolar, Queixa escolar, Valores, Inclusão Social

1- INTRODUÇÃO

A roda de conversa é um dos instrumentos essencial para ser usado por todo psicólogo, não importando qual área/ ênfase de atuação este profissional esteja inserido, no caso deste artigo abordaremos o uso da roda de conversa no campo da educação, sendo usada pelo (a) psicólogo (a) escolar. Segundo Pizzimenti (2013) o princípio da roda de conversa é que o círculo que a compõe pressupõe igualdade, portanto, não há ninguém em posições superiores ou inferiores, além disto, o círculo formado pela a roda de conversa sugere envolvimento e acolhimento. Pizzimenti ainda salienta que na roda de conversa além de “estarmos” também “somos”. Ainda segundo a autora citada a roda de conversa permite que todos se vejam e que, portanto, todos sejam líderes e liderados.

A roda de conversa é também considerada um instrumento metodológico crítico pois, já que permite a participação de todos, logo, permite a

(83) 3322.3222

contato@cintedi.com.br

www.cintedi.com.br

exposição de pontos de vistas discordantes. Pizzimenti historiciza o surgimento da roda de conversa como algo simples e cultural, que nasceu nos alpendres das casas, nas salas de jantares, quando não havia tecnologia e todos estavam ocupados em se comunicar e transmitir aos demais o que sabiam e isso se passava as futuras gerações. Quem diria que algo tão simples se tornaria um instrumento tão crítico e facilitador para ser usado na educação formal? A roda de conversa é considerada uma proposta relevante para o uso do psicólogo escolar por que possibilita o direito de expressão de todos os envolvidos no processo escolar, proporcionando uma escuta ativa e reflexiva. Escuta esta que deve ser praticada não apenas pelo facilitador/psicólogo, mas, por todos que estão inseridos nesta.

A intervenção relatada neste artigo foi proposta pela estagiária a uma turma de quarto ano de uma escola municipal de ensino fundamental na cidade de Campina Grande. Essa intervenção surgiu uma vez que se percebeu em seus primeiros dias de estágio uma demanda endereçada pela a escola (sobretudo, a equipe gestora) para que se trabalhasse com aquela turma, “a pior turma da escola” (*sic*). Assim sendo, a principal queixa era a de que eram crianças rebeldes, agressivas, barulhentas, inquietas, indisciplinadas e violentas.

Embasada nas concepções de Neves (2011) que considera que o psicólogo não pode atender as demandas apresentadas pela escola sem questionar, sem dialogar com os demais atores, e sem implica-los no processo, nem tão pouco recusar totalmente, mas sim ouvir e ressignificar a estagiária realizou as observações sistemáticas na turma do quarto ano todos os dias durante o período de um mês e assim constatou a presença da demanda (indisciplina, agressividade, bullying, rebeldia, dentre outras).

As observações corroboraram com os pensamentos de Pizzimenti (2013) quando ela relata que geralmente a sala de aula não é um ambiente tão acolhedor, pois, quase sempre são abarrotadas, os mobiliários são sempre enfileirados e inapropriados para as crianças, pois, mal conseguem apoiar seus pés no chão, essa também era a realidade daquela turma de quarto ano. Portanto, além de a estagiária perceber que as crianças tinham necessidade de falarem e precisavam de fato serem ouvidas, percebeu também que para ouvi-las demandaria então um local apropriado e um tempo de qualidade para que suas falas fluíssem naturalmente.

Essas observações fundamentaram-se nos pressupostos de Facci e Eidt (2011) quando destacam a importância de se analisar os processos de escolarização (as relações institucionais, históricas e pedagógicas) que se fazem presentes no dia a dia da escola e não somente ater-se aos problemas de aprendizagem (principal queixa da professora). Quando o psicólogo escolar depara-se com uma queixa apresentada sua atuação não deve ser feita no intuito de achar o culpado, pois, o

psicólogo escolar deve pautar sua atuação na garantia do direito de todos os envolvidos no processo educativo. O psicólogo escolar deve ainda ter em mente que a queixa escolar é construída socialmente, portanto, sua resolução está no movimento das relações, e além disto, deve considerar que queixa é toda e qualquer demanda endereçada ao psicólogo escolar por qualquer agente escolar seja ele gestor, professor, discente ou até mesmo os pais dos escolares.

Isto posto, o objetivo deste artigo se constitui em descrever um relato de experiência de uma das intervenções desenvolvida por uma graduanda de Psicologia na disciplina de Estágio supervisionado V.II na área/ênfase da psicologia educacional/escolar.

2- METODOLOGIA

O estágio realizou-se em uma turma de quarto ano de uma escola municipal da cidade de Campina Grande- PB no turno da manhã. Participaram da intervenção onze crianças com idades entre nove e dez anos, além de duas agentes da instituição (a coordenadora do turno no qual o estágio era realizado – manhã- e a psicóloga- recém-chegada à escola).

Os recursos didáticos utilizados foram: folhas de ofício A4, lápis, borrachas, tesouras, coleções, colas, revistas, etc.

A intervenção durou uma hora corrida, adotando a sugestão de Pizzimenti (2013) para essa faixa etária escolar (nove/dez anos).

3- RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nas observações realizadas em sala de aula a estagiária havia percebido que a professora tinha dificuldades em corrigir as tarefas que eram passadas para casa, além de ter dificuldades de explicar as atividades de classe. Quase toda a turma conversava e não faziam as atividades. Eles tinham necessidade de conversarem entre si e muitas vezes com a estagiária. Algumas vezes contavam sobre a dinâmica de suas famílias que eram cercadas de violência doméstica, de drogas, de necessidades financeiras, etc. A violência presenciada em casa ou em outros contextos de convivência era externalizada dentro da sala de aula. Eles se agrediam tanto verbalmente quanto fisicamente, havia muito apelidos e provocações.

No início a estagiária encontrou muita resistência dessas crianças para que ela fosse totalmente inserida e fizesse parte do grupo. Houve dias que eles a insultavam, jogavam bola de papel em sua direção e não demonstravam interesse no que ela propunha, mas, ela persistiu.

Depois de um mês de observação, partiu-se para as intervenções, pois, percebeu-se que as crianças já haviam dado uma “trégua” e aceitado sua presença no grupo. A estagiária sabia que eram crianças

carentes de atenção e assim sendo propôs a intervenção com roda de conversa com o objetivo de conhecer um pouco mais sobre a realidade dessas crianças, suas expectativas de vida, seus sonhos e fantasias, proporcionar um espaço onde eles ouviriam e seriam ouvidos não importando o que seria colocado pelo grupo.

A estagiária sabia ainda que a roda de conversa proporcionaria estar junto sem que se preocupasse apenas com o conteúdo oficial proposto no currículo. Ela (a estagiária) preocupou-se em trabalhar o conteúdo emocional, social, relacional, etc., uma vez que conforme Silva (2008) os conflitos nas relações interpessoais na escola, são consequências da manifestação do currículo oculto, e por isso é preciso que se preparem os indivíduos emocionalmente de modo a não se restringir apenas aos conteúdos cognitivos.

Com base em todas as observações a roda de conversa também foi pensada como uma forma de promover o desenvolvimento de empatia, autoconhecimento e conhecimento do outro, promover uma cultura de paz, um clima agradável, etc. Sobre a cultura de paz é imprescindível que se diga que ter paz em um ambiente não significa a garantia de ausência de conflito, mas, sim que os indivíduos serão capazes de manter uma tranquilidade em momentos conflituosos (PIZZIMENTI, 2013). Segundo esta mesma autora a paz está correlacionada com a liberdade de expressão e de pensamento, etc.

Um dos objetivos implícitos foi trabalhar também a inteligência intrapessoal, que é a capacidade de administrar sentimentos e emoções na resolução de problemas pessoais e trabalhar a inteligência interpessoal, que o conhecimento do outro que segundo Gama (1998) se caracteriza por ser uma habilidade em compreender e responder adequadamente a sentimentos, humores, temperamentos, emoções e vontades do outro. A estagiária compreendia que somente quando isto fosse possível é que se valorizaria a gentileza e a possibilidade de expressar os pontos de vista divergentes, o respeito e o relacionamento sincero. Aquelas crianças precisavam trabalhar suas emoções para poderem entender as emoções dos outros e assim se relacionarem em um clima agradável, como também desenvolverem estratégias de enfrentamento mais assertivas para lidarem com suas emoções em outros contextos que não fosse possível contar com o auxílio da estagiária.

Todas as intervenções propostas antes de serem executadas eram combinadas com a gestão da escola e com a professora da turma afim de saber se todos concordavam. Sobre a proposta da roda de conversa à princípio a professora ficou receosa e temerosa, mas, embasada nas concepções de Pizzimenti a estagiária explicou a professora que a roda de conversa iria ser vista pelos alunos não como um recurso de ensino, embora

fosse (é e será sempre), mas, como um momento de conversa, de troca e de compartilhamento.

Após a conversa com o gestor e a professora um dia antes da intervenção a estagiária foi na turma e pediu para que no dia seguinte as crianças levassem figuras de personagens (de novelas, filmes, seriados, desenhos animados, etc.) que eles gostavam e se identificavam. O objetivo deste pedido era saber em quem elas se espelhavam, e que o trabalho desse personagem refletia (violência, conteúdo sexual, etc.). Embora tenha feito esse pedido a estagiária compreendia que a discussão que seria desenvolvida na roda de conversa pertenceria ao grupo e não ao pesquisador/mediador e que mesmo quando se leva um eixo orientador este não pode impedir que a conversa desse grupo flua naturalmente como destaca Campos (2000).

No dia da intervenção propriamente dita apenas sete crianças haviam se lembrado de levar as figuras, então foi-lhes dito que apenas essas iriam participar da intervenção e elas começaram a perguntar se podiam desenhar, ou se podiam ir apenas para observar, a estagiária deu-lhes tempo para desenharem e reforçou que deveria ser alguém/algum personagem que eles de fato gostassem, foi nessa insistência em participar das intervenções que a estagiária percebeu que o vínculo entre ela e eles já estava firmado e fortalecido, que suas propostas de atividades estavam sendo aceitas e desejadas pelo o grupo, algo inovador estava sendo proposto e eles haviam percebido.

Em espírito de solidariedade um dos meninos da turma pegou sua revista da turma da Mônica e recortou algumas imagens e deu para alguns colegas participarem da intervenção. Ao perceber que eles estavam querendo participar de todo jeito, a estagiária flexibilizou a participação e tentou extrair daquelas imagens que eles à priori não se identificavam ou não se identificavam totalmente, algo.

A turma era composta por trinta e cinco crianças, no entanto, se faz necessário dizer que nem todos participaram desta intervenção por que alguns estavam na aula de capoeira (e eles não podiam faltar, por que se não sairiam do projeto- esta é uma das regras). O espaço disponibilizado pela a escola para que a roda de conversa fosse feita foi a sala de informática, pois, lá havia espaço para se fazer a roda de conversa, além das cadeiras e mesas (que serviram de apoio para elas terminarem de desenhar, pintar e recortar suas figuras).

Quando todos já estavam na sala foi entregue uma folha de ofício a cada um e pediu-se que escrevessem seu nome, idade, o nome do personagem, o motivo da escolha deste personagem e escrevesse um pouco da estória daquele desenho.

Pediu-se também que não contassem a estória enquanto escreviam por que seria promovido um momento de socialização da estória e da escolha dela em roda de conversa. Ao ser dito isso muitos

quiseram resistir e disseram que não iam se apresentar, mas, a estagiária lhes instigava dizendo que os ajudaria. Segundo Pizzimenti é normal que nessa faixa etária (entre 9 e 10 anos) eles se tornem tímidos quando há de fato espaço para eles falarem e quando eles percebem que todos estão ouvindo, por isso, eles preferem apenas ouvirem. A autora sugere que se a criança insistir em não falar, o mediador da roda de conversa pode adotar a metodologia da caixa de bilhete, pois, dessa forma não é possível a identificação facilmente.

Depois que todos terminaram de pintar, recortar, e escrever suas histórias foi proposto que formasse um círculo, a psicóloga e a coordenadora da escola foram convidadas para a roda de conversa e foi-lhe dito que se sentisse necessidade de intervir ficasse à vontade. A coordenadora agradeceu e decidiu ficar apenas observando fora do círculo, já a psicóloga adentrou na roda de conversa e tornou-se parte do grupo, assim como a estagiária.

Outro objetivo da roda de conversa foi promover um espaço de escuta onde um poderia escutar o outro respeitando a vez de cada um, onde também seria possível conhecer os gostos de cada um. Após a explicação do objetivo (explícito) foi feito alguns combinados com eles como, por exemplo: não existiria certo ou errado nas escolhas de cada um; se alguém tivesse dificuldade em se apresentar e apresentar sua história eles iriam esperar o tempo de cada um sem zombar ou pressionar e; sobretudo, respeitariam o momento de cada um.

Essas regras e combinados foram discutidos com o grupo tendo por base a compreensão de Freire e Shor (1987) quando consideraram que no diálogo não se pode fazer tudo o que se quer, pois, ele exige limites. Para esses autores o diálogo tem um objetivo ou vários e, portanto, implica responsabilidade, direcionamento, determinação e disciplina para que este (s) sejam alcançados.

Por compreender que esse artigo não permitirá relatar todas as histórias de cada criança, optou-se por descrever um resumo das histórias mais significativas das crianças e das reflexões promovidas pela intervencionista. Segue, portanto, apenas o relato de três histórias e as reflexões que delas suscitaram.

Primeira história- Um dos meninos de dez anos trouxe um desenho do Digmon que foi doado por um amigo seu da sala de aula. Então foi lhe perguntado sobre o motivo de sua escolha e ele disse que gostava de assistir, mas, não sabia contar a história por que o desenho era em inglês. Foi-lhe perguntado o que o fazia assistir o desenho e o que ele entendia através das imagens e interação dos personagens. Então ele disse que era um menino (se referindo ao principal personagem) que tinha animais com poderes que lutava contra o mal.

Nesse momento a psicóloga da escola entrevistou e perguntou se esse personagem tinha alguma coisa que

ele gostaria de ter e ele disse que sim, ela lhe perguntou o quê e ele disse que gostaria de ter os animais, então ela lhe perguntou por que e ele disse que os animais eram amigos e davam carinho. Nesse momento seus olhos se encheram de lágrimas. Quando a estagiária percebeu, rapidamente interviu e chamou a atenção do grupo para o fato de que esse desenho que ele havia comentado havia sido desenhado por um amigo seu da sala de aula e que aquele havia dado para este.

Refletiu-se também que a amizade era um “superpoder” que combatia o mal, a agressividade, a violência, a falta de respeito, e ajudava as pessoas a se colocar no lugar do outro. Foi possível perceber nesta e nas demais intervenções e convivência em sala de aula que esses dois discentes eram amigos e que essa amizade funcionava como fator protetivo, de promoção de bem-estar e cooperação entre ambos.

A atitude da estagiária em interromper a intervenção da psicóloga, se deu apenas pelo fato de que a psicóloga ainda não sabia da história de vida de cada criança (pelo fato de só fazer uma semana que ela havia chegado na escola, enquanto que a estagiária já havia observado a turma durante um mês e conversado com o diretor e a professora sobre algumas dinâmicas familiares, social, etc. de algumas crianças). A estagiária sabia que depois daquela intervenção da psicóloga aquela criança precisaria de uma escuta (o que foi feito) e que ela (a estagiária) precisaria sentar junto com a psicóloga para lhe adiantar algumas informações.

A intervenção se desenvolvia e de repente a estagiária precisou intervir em um conflito. Este aconteceu quando uma das meninas entrou na sala e pediu para participar da intervenção. Os meninos pediram para que a estagiária não a deixassem na sala e justificaram dizendo que ela falava demais (no entanto, a estagiária já havia notado nas observações em sala de aula uma exclusão por parte da turma àquela menina) entretanto, foi-lhes dito que ela participaria assim como os demais, então, quando ela foi sentar os meninos se afastaram dela.

Se faz necessário dizer que essa menina sofria preconceito devido sua raça, dinâmica familiar (pois, morava apenas com a avó e sua irmã) e classe social (apesar de quase todos serem de família de baixa renda segundo o Projeto Político Pedagógico da escola). Sobre isto, foi preciso que a estagiária refletisse com eles sobre a importância da inclusão social, de respeitar as minorias e as diferenças. Ainda segundo Mazza (2005) uma das características da exclusão social é o fato de negar aos indivíduos o acesso igualitário as oportunidades e nesse caso a menina seria impedida de participar da intervenção, caso a intervencionista não assegurasse seu direito de permanência naquele espaço.

A estagiária partiu do pressuposto de que cada pessoa deve ser considerada em sua dimensão étnico,

racial, biológica, psicológica e sociocultural. E segundo a LDB (1996) a educação inclusiva pressupõe que não haja discriminação na participação ativa do indivíduo, mas, evidencie-se a diversidade humana, portanto, a inclusão sustenta-se nos pressupostos da igualdade, direitos humanos e democracia. Com base nisto é de suma importância que o psicólogo escolar atue veementemente contra todo tipo de discriminação, racismo e preconceito no âmbito escolar e busque trabalhar as atitudes negativas ressignificando-as em relação a diversidade.

Ainda sobre as histórias e a roda de conversa...

Segunda história- Uma menina de dez anos trouxe a figura da Cuca (uma das personagens do sítio do pica-pau amarelo) recortada e pintada, mas, quando soube que precisaria dizer por que escolheu tal personagem queria trocar, não queria participar. Então no momento da roda de conversa a estagiária disse que independentemente do que o personagem fizesse, era a sua escolha e isso precisaria ser respeitado. Então a menina disse que a personagem era um crocodilo gostava de fazer feitiço e de destruir a vida de Emília (outra personagem do sítio do pica-pau amarelo).

A estagiária perguntou se ela concordava com esses comportamentos e ela disse que não. Logo, as demais crianças começaram a dizer que o saci era gente boa, mas, que a Cuca obrigava a ele fazer coisas ruins. A estagiária aproveitou essa reflexão deles e então pontuou sobre se deixar influenciar por pessoas maldosas e que não fazem o bem, perguntou também se isso era certo e se eles se deixavam influenciar por algo ou alguém que os prejudicavam e eles disseram que algumas vezes sim, mas que sabiam que não era certo, então lhes foi falado sobre as consequências dessas influências.

Terceira e última história- O menino de dez anos que recortou sua revistinha da turma da Mônica e dividiu as figuras com os demais fez uma colagem e nela estava toda a turma da Mônica e ele descreveu cada um dos personagens dizendo que a Mônica era muito forte, Cebolinha tinha apenas cinco fios de cabelo, Magali gostava de comer muito e Cascão não gostava de tomar banho. Então a estagiária perguntou se ele tinha alguma coisa mais a acrescentar e ele disse que não. Buscando promover mais reflexão a estagiária perguntou se esses personagens só tinham esses comportamentos e eles disseram que não. O menino que havia falado dos animais que tinham poderes e eram carinhosos (primeira história relatada- do personagem do desenho Digmon) disse que a Mônica era carinhosa com o coelho dela, ou seja, mais uma vez remetendo aos animais o carinho que deveria ser dado pelo ser humano.

Depois a estagiária perguntou o que Cebolinha fazia com Mônica e eles disseram que ele ficava a chamando de dentuça, a estagiária quis saber que nome se dava a isso e eles disseram que ele ficava

aperreando ela. Então a estagiária disse que isso era bullying, foi então que nesse momento quase todos disseram que sofriam com esse fenômeno e quiseram contar o que acontecia e quem praticava.

A estagiária já sabia que a qualquer momento essa temática surgiria, inclusive, foi uma das temáticas que o gestor disse que acreditava que sairia nessa roda de conversa, contudo, devido ao horário avançado (já estava próximo do fim do segundo turno, não valeria apenas começar algo e não concluir) a estagiária disse que abordaria isso em outro dia e uma das crianças disse: *“fala mesmo tia que eu tô sofrendo com isso! (sic)”*.

Faz-se necessário dizer que das onze crianças que participaram da intervenção oito disseram sofrer com o bullying em sala de aula. Assim sendo, a estagiária entendeu que essa era uma demanda vinda deles e que seria tema das próximas intervenções e que de fato foi não apenas de uma, mas, de cinco oficinas.

4- CONCLUSÕES

Além dos objetivos já relatados a roda de conversa também possibilitou dar aqueles sujeitos o status de seres pensantes conforme Souza e Campos (2007) recomendam que seja uma das práticas do psicólogo. À princípio pela conversa entre a estagiária, o diretor e a professora houve receio de que saísse muita conversa violenta ou de conteúdo sexual (pois, eles falavam muito sobre isso durante as aulas), mas, para a surpresa de todos, eles relataram mais sobre os valores, sobretudo, da família e da amizade. Se mostraram críticos, participativos, reflexivos, conscientes e autônomos, sobretudo, nas reflexões feitas sobre o que era certo ou errado nos relacionamentos interpessoais.

Consciente ou inconscientemente a sala de aula e a metodologia de ensino adotada para aquela turma priorizava apenas a competência, habilidade e o conhecimento como forma de preparação para o profissionalismo, todavia, para Galano (2006) quando isto acontece ocorre também a criação de um cenário de concorrência, competitividade e agressividade. Do contrário, a roda de conversa mostrou que os valores morais e humanísticos que à priori não existiam naquele grupo, afloraram. Eis aqui a necessidade de se promover mais momentos como este onde é possível trabalhar uma educação mais humanizada e humanizadora.

Isto posto, todo o psicólogo escolar que atua em uma perspectiva crítica, relacional e preventiva deve pautar sua atuação tanto na dimensão psicoeducativa quanto psicossocial conforme Martínez (2009). A estagiária percebia que as crianças tinham defasagens em suas aprendizagens, mas, a urgência era a dimensão

psicossocial (não que ambas não podem ocorrer concomitantemente) eles precisavam ser ouvidos primeiro para depois ouvir.

No momento da roda de conversa, foi possível ter instantes prazerosos, outros reflexivos, momentos que traziam à tona lembranças boas e outras nem tantas como o caso da primeira estória (desenho do Digmon), mas, apesar disto, essas memórias pesadas eram ressignificadas através das redes de apoio e amizade existentes entre aquelas crianças e a estagiária. E apesar de cada criança vivenciar uma dinâmica familiar e social diferenciada todas faziam parte do mesmo cotidiano escolar e dividiam suas manhãs diariamente, logo, seria imprescindível que se ouvissem e se apoiassem.

Trabalhar com a subjetividade é tarefa de suma importância e responsabilidade social para o psicólogo, sobretudo, quando se trabalha com a subjetividade infantil marcada por vulnerabilidades sociais, pois, como bem lembra Warschauer (2001) “recolher histórias de vida, não é como recolher objetos”. Trabalhar histórias de vida em rodas de conversa possibilita lidar com histórias de vida diferentes e com estratégias de enfrentamento diversas. Geralmente as crianças não possuem muita experiência de como lidar com o abandono, a negligência, a violência, a vulnerabilidade de um modo geral e muitas vezes o que resta são comportamentos como agressividade, impulsividade e rebeldia (a estagiária buscava repassar essa compreensão a todos os atores escolares com quem conversava), todavia, esse tipo de comportamento não é socialmente aceito.

A roda de conversa possibilitou também a conscientização e a reflexão da importância da inclusão social. Foi dada a oportunidade de todos participarem e quando surgiu um imprevisto de um possível conflito, quando a turma não desejava a presença de uma das crianças, a estagiária mostrou-lhes que o direito a participação era de todos, pois, segundo Wixey et al (2005) a base da inclusão social é a valorização de toda e qualquer pessoa ou grupo independentemente da religião, raça, etnia, gênero, idade ou outra característica.

A roda de conversa possibilitou ainda promover a reaprendizagem de como se tornar ouvinte atentos e como interagir. Para Bom Sucesso (2002) é nessa arte de ouvir o outro que está o segredo para a convivência harmoniosa. O trabalho do psicólogo escolar, dentre outros, é desenvolver uma escuta ativa seja ela individual ou coletiva. Esse tipo de escuta nos obriga a exercitar a reflexão, a memória, a capacidade relacional e emocional, a atenção, a compreensão do ponto de vista divergente e convergente, além de exercitar o respeito e partilhar da presença física do outro.

Ademais, importa salientar a parceria sempre exitosa entre a estagiária e toda a equipe da escola

(equipe docente, equipe gestora e equipe de apoio). A presença da psicóloga da escola e da coordenadora nessa intervenção só vem demonstrar o desejo de cooperação, troca de conhecimento e apoio entre a estagiária e os demais. Ao final do estágio as crianças já se relacionavam muito bem, se autocorrigiam quando faziam algo que não estava nas regras da boa convivência, havia o respeito, a inclusão entre si e a aprendizagem começou a fluir, eles começaram a fazer as atividades de classe, dentre outros avanços. A relação de confiança, respeito e afeto entre a estagiária e as crianças se fixou de uma maneira tão profícua que ao final do estágio as crianças lamentaram não poder contar mais com a sua presença nas aulas.

Por fim, ressalta-se a roda de conversa como um instrumento riquíssimo de trabalho psicológico-pedagógico-vivencial, muito embora destaca-se que os grupos variam de estrutura e de funcionamento, assim sendo, pontua-se que os problemas sociais requerem soluções criativas sendo, assim, nem sempre uma intervenção social aplicada em um determinado grupo social servirá para outro. Neste relato de intervenção ficou evidenciado que o uso da roda de conversa foi assertivo e que muitas vezes as crianças que são rotuladas como rebeldes, violentas e agressivas, são na verdade carentes de afeto, cuidado e respeito.

5- REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm>. Acesso em 27 de Nov. 2017

BOM SUCESSO, E. de P. *Relações interpessoais e qualidade de vida no trabalho*. Rio de Janeiro, Qualitymark Editora, 2002.

CAMPOS, G. W. S. Um método para análise e cogestão de coletivos: a constituição do sujeito, a produção de valor de uso e a democracia em instituições: o método da roda. São Paulo: HUCITEC, 2000;

FACCI, M.G.D, EIDT, N.M. Formação do psicólogo para atuar na instituição de ensino: a queixa escolar em questão. In. AZZI, R.G., GIANFALDONI, M.H.TA. (Orgs.) *Psicologia e educação*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p.129-155, 2011;

FREIRE, P.; SHOR, I. Medo e ousadia. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987;

GAMA, M. C. S. S. A Teoria das Inteligências Múltiplas e suas implicações para Educação. 1998;

GALANO, M. H.. Família e história: a história da família. In: CERVENY, Ceneide Maria de Oliveira (Org.) **Família e ...narrativas, gênero, parentalidade, irmãos, filhos no divórcio, genealogia, história, estrutura, violência, intervenção sistêmica, rede social.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2006.

MAZZA, J. Inclusão social, mercados de trabalho e capital humano na América Latina. In: BUVINIC, M.; MAZZA, J.; DEUTSCH, R. (Orgs.). *Inclusão social e desenvolvimento econômico.* Rio de Janeiro: Elsevier, 2005

NEVES, M. M. B. DA J. Queixas escolares: conceituação, discussão e modelo de atuação. In: C. M. Marinho-Araújo, *Psicologia Escolar: identificando e superando barreiras.* Campinas: Átomo e Alínea p. 175-214, 2011;

PIZZIMENTI, C. *Trabalhando valores em sala de aula: histórias para roda de conversa: Educação infantil, Ensino Fundamental I e II, Ensino Médio-* Petrópolis, RJ/; Vozes, 2013;

SOUZA, M.P.R de; CAMPOS, H. R. Reflexões a respeito da atuação do psicólogo no campo da psicologia escolar/educacional em uma perspectiva crítica. *Formação em psicologia escolar-Realidades e perspectivas*, p. 149-162, 2007;

WARSCHAUER, C. Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 2001.

WIXEY, S. et al., *Measuring Accessibility as Experienced by Different Socially Disadvantaged Groups, funded by the EPSRC FIT Programme — Transport Studies Group — Universidade de Westminster*, 2005.